

CHORAR PELO BRASIL

“Se não entendermos onde erramos, vamos morrer errando.”

Paulo Timm – Especial A FOLHA

Acesse Paris_nov13-

http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/151115083019Paris_novembro_13.pdf

**“Não se pergunte por quem os sinos dobram. Eles dobram por ti.” –
J.Done, poeta inglês, que inspirou o título de um romance de
E.Hemingway**

“Por aqui, o terror sempre fomos nós. Para consumo, energia e progresso do Estado Brasileiro... Colonização da sobreposição de Terras Ancestrais dos Mil Povos. Por aqueles que explodem montanhas, secam rios, rasgam vales, queimam florestas, saqueiam a flora, envenenam a terra e matam seus sujeitos com o próprio alimento...

Chorar por Pindorama!

Orar para Pachamama!”

(Rafael Frizzo - · Tôrres ·FB)

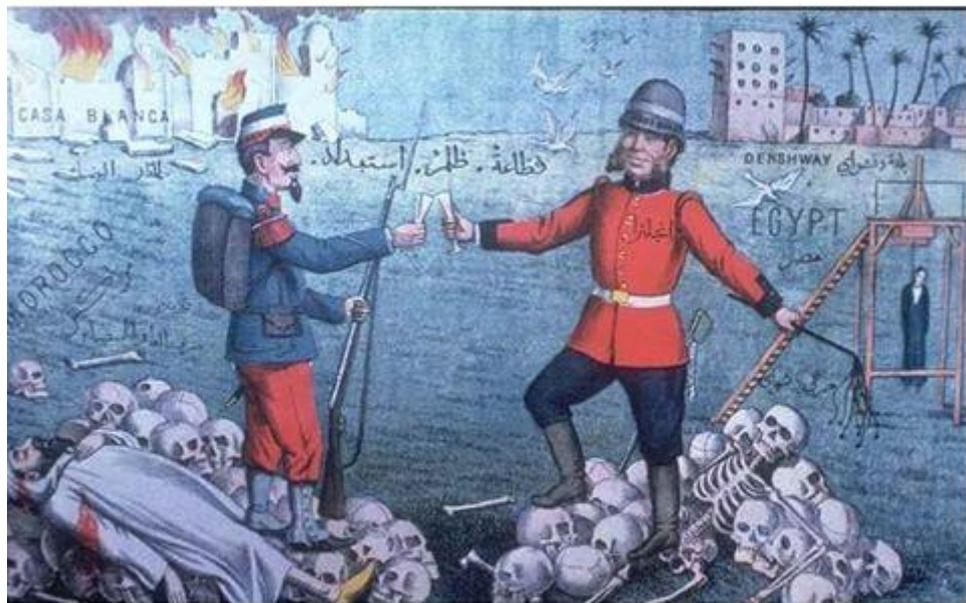
Bruno Lima Rocha compartilhou a publicação de Uğur Şakar.

“Parabéns à OTAN por ter fortalecido o ISIS. Os países europeus e os EUA são os mais hipócritas. Apoiam quem apóia o terrorismo sunita.”



“Barbárie... Inominável... Inaceitável... Absurda... Mas enquanto a resposta à violência for mais violência, estaremos caminhando para o fim... Mesmo que, obviamente, não justifique a barbárie, é preciso entender que o terror só se expande porque há um solo fértil de ressentimentos históricos (vide história colonial do Ocidente pelo mundo), que vem sendo continuamente adubado por uma sociedade segregacionista (vide fenômeno atual dos refugiados na Europa...) e desigual... Neste contexto, qualquer "liderança" insana vicejará... Se a resposta ao terror fosse política e não militar, talvez nos restasse alguma esperança..”.

(JC Zeca Barradas – Santa Maria RS – FB)



A VIOLÊNCIA DE INGLESSES E FRANCESES NO NORTE DE ÁFRICA



Massacre na Nigéria: “É solitário morrer na África” | Artigos JusBrasil

“O autoproclamado Estado Islâmico não é um simples grupo de psicopatas. É um grupo religioso com crenças cuidadosamente pensadas, entre elas a de que será ele o agente do apocalipse que se aproxima. Aqui explicamos o que isso significa para a sua estratégia — e como acabar com ela.”

ISIS? <http://www.publico.pt/mundo/noticia/o-que-e-o-estado-islamico-1690458>

*

Atenção: “Je suis France”. Tudo bem, eu também. Como não se solidarizar com as vítimas civis do terrorismo que ataca como cão raivoso, mais uma vez , fazendo centenas entre mortos e feridos? Mas esse mesmo terror ataca em várias outras partes do mundo. Curiosamente, ninguém é Nigéria. Ninguém é Síria. Ninguém é Beirute. Ninguém é curdo. Este povo, aliás, que sequer tem direito à autodeterminação, se defende inteiramente contra o mesmo ISIS que atacou o avião russo e uma multidão em Paris, com um bravo exército de combativas mulheres e homens valentes. Rigorosamente, apenas o Exército Sírio sob o comando do Presidente Assad e estes curdos aclimatados na Síria combatem verdadeiramente o ISIS. Vale conferir:

El batallón 3feminino de los kurdos: la pesadilla del Estado Islámico

PARA COMBATER O INTEGRISMO E O PATRIARCADO, A FORÇA DAS MULHERES

Esta é a prova cabal do que estamos dizendo incessantemente. O vídeo é curto e está em castelhano. Esta produção é da RT, mas têm reportagens idênticas até em redes de TV estadunidenses como CNN e NBC. A única força a destruir todo o sistema de patriarcado no Oriente Médio, EU FALEI TODO, é a Esquerda do Curdistão, através da força de batalhões de mulheres do YPJ e YJA Star. Esta é a única esquerda da região e a única esquerda que a esquerda mundial pode apoiar. Fora do Confederalismo Democrático toda “saída” é um engodo e manipulação de uma potência regional ou das potências ocidentais, Rússia inclusive.



<https://www.facebook.com/ActualidadRT/videos/10153617504398273/?pnref=story>

([Bruno Lima Rocha](#) compartilhou o [vídeo](#) de [RT em Español](#))

Contudo, ninguém parece querer ser africano ou asiático. “É solitário morrer na África”:

Ao citar em seu [editorial](#) a morte de 800 mil pessoas em Ruanda, em 1994, e de mais de 6 mil vítimas do vírus ebola, em 2014, por diversos países na África Ocidental – antes que o Ocidente começasse a se indignar com as tragédias –, o editor do jornal *The Namibian*, Wonder Guchu, tirou apenas uma conclusão: “É solitário morrer na África”

Todo ocidental quer ser europeu, esquecendo-se de que os senhores do Velho Continente dirigiram e se beneficiaram do processo colonizador do mundo moderno, sob cuja pólvora dizimaram civilizações milenares. Outras, de tão vigorosas e grandes, como a Índia e a China, foram subjugadas com mão de ferro e disseminação interna de vícios inomináveis, como o ópio. Disseminaram ódios. Semearam ventos mortais. Germinaram discriminações raciais. E continuam, como a França, cobrando de 14 nações emancipadas de seu jugo colonial um Imposto Colonial, a título de compensação à obra colonizadora (!) que chegaria a US\$ 500 bilhões por ano, a ponto do insuspeito ex-Presidente François Mitterrand ter dito, ainda em 1957: **“Sem a África, a França não tem história no século 21”**. Portanto, cautela. Fartei-me de me deparar em países europeus com monumentos dedicados aos valorosos soldados que tombaram ... nas guerras coloniais, da mesma maneira que me emocionei diante das Tulherias, em Paris e da Casa do Tombo, em Portugal, ao reconhecer a importância, também do curso da História.

Fico com o Brasil. No Brasil...

Nós, como “gentidade em fazimento”, como dizia Darcy Ribeiro, orgulhosa da mestiçagem, fomos duplamente vítimas da colonização: meio índios, meio negros.

Prefiro, então, chorar pelo Brasil!. Chorar pela lama que destrói tudo no rastro da irresponsabilidade criminosa de uma mineradora milionária! Chorar pelas chamas que consomem o pouco que resta do cerrado devastado pelo agrobusiness, depois que acabou com grande parte da Mata Atlântica! Chorar pelos jovens negros que morrem como moscas nas periferias das grandes metrópoles! Chorar pela violência que nos faz campeões em homicídios e mortes no trânsito maluco. Chorar pelas mulheres violentadas diariamente! Chorar pelos mais altos juro do mundo! Chorar pelo insólito que nos acompanha no dia-a-dia. Chorar, chorar, chorar até a última doce lágrima da esperança...!

São 56 mil mortos por violência e em torno de 52 mil mortos no trânsito por ANO, mais do que as quatro guerras que ocorrem na atualidade. Vivemos num estado de terror.



[Vera F. Malta](#) compartilhou a [foto](#) de [CONTI](#) [outra](#), [artes](#) e [afins](#).

Quanto ao terrorismo em si, condeno mas evito simplificações. Não sei se o Homem, em sua natureza é bom ou mau. Os filósofos, antes dos psicólogos, se dividiam sobre o assunto. Uns o definiram como um Homo beligerante, cujo núcleo estaria no que hoje se denomina gen egoísta no DNA, daí retirando a conclusão de que o Estado é necessário com o monopólio da violência, para evitar o que chamam de “Guerra de Todos contra Todos” (Hobbes). Outros, vendo-o como imagem e semelhança de um Deus bondoso, o desenharam como dotado de uma ingenuidade inata, vigente no Bom Selvagem (Rousseau), vitimado por instituições malévolas que lhe corroem a alma. Bom ou Mau, entretanto, o Homo Sapiens sempre matou seus semelhantes. Esta seria a Marca de Caim que carregamos na bagagem cultural. Matou para sobreviver, em legítima ou ilegítima defesa, matou por inveja, matou por ciúme, matou por cobiça, matou até em série, por mera insanidade mental. Mesmo neste caso, o campeão de assassinatos, o colombiano [Luis Garavito](#), matou comprovadamente 172 pessoas. Mortes que podemos debitar ao Mal intrínseco. Matou, porém, muito mais o Homem, em nome do Bem, chame-se ele Deus, Liberdade, Democracia, Socialismo, Nacionalismo, Civilização ou, simplesmente, etnia e sexo. Basta ver o número de mortes na Inquisição ou nas duas últimas guerras mundiais: 100 milhões de vida ceifadas. O pior criminoso, portanto, é sempre o criminoso histórico, múltiplo do *serial killer*, consciente do que faz, portador das razões de sua ação belicosa e que acabam mobilizando consciências numa espécie de “cola mítica” (Yuval Harari in “Sapiens”) de aval e cooperação generalizada com a sangria desatada. Prova? O instruído povo alemão que aderiu maciçamente ao nazismo. Ou o evoluído povo norte-americano, criado ao abrigo dos valores clericais da Reforma, que

subscreveu a brutal intervenção armada na Guerra Suja do Vietname. Ou o revolucionário povo russo pós 1917 que confiou seu destino ao criador dos gulags. Isso só no período recente. Imagine-se, agora, o lastro histórico da barbárie acumulada em nome do Bem desde há cerca de 30 mil anos...

Neste processo, a França não é exceção. Talvez até tenha se excedido como Potência Colonizadora e vanguarda do processo “civilizatório” no mundo.

Não teve grande êxito na América Latina, sendo lamentável sua ação contra a independência do Haiti. No Brasil, fez duas incursões frustradas: Com Vilegaignon, no início do século XVI, do qual Jean de Léry deixou notável registro com seu livro “Viagem à Terra do Brasil”, e **René Duguay-Trouin**, em 1711, ambos no Rio de Janeiro. Na África, entretanto, sobretudo depois da I Guerra Mundial, quando, com Inglaterra desmantelou o Império Otomano, deitou, rolou e explorou riquezas a mais não poder. Isso está na base de sua política externa ainda voltada ao estreitamente de relações com suas ex-colônias num processo pouco recomendável, para dizer o mínimo, acompanhado de uma absorção sofrível no território francês das populações transmigradas. Árabes e africanos vivem em guetos pobres, sofrendo grandes dificuldades para uma incorporação competitiva ao mercado, à cidadania e à cultura. Claro que há aí choques civilizatórios, quando o Governo francês proíbe o uso do véu e outras identificações religiosas em lugares públicos. Mas o maior choque é o preconceito. Afinal, a República até consagrou a separação da Igreja do Estado e avançou imensamente no campo dos direitos individuais, algo estranho aos povos do continente africano. Mas não incluiu “o Outro”. Não por acaso, portanto, há argelinos e cidadãos franceses de origem árabe entre os terroristas. Qual argelino residente na França não lembra, por exemplo, outro massacre, o de 17 de outubro de 1961, envolto em “espessa mortalha” mas revelada por Jean-Luc Einaudi, autor de *La Bataille de Paris* até 1980, perpetrado pela Polícia contra a comunidade, no curso da sangrenta Guerra de Libertação da Argélia (1956-62) ?

“Nesse dia, os *“franceses muçulmanos da Argélia”*, convocados pela federação de França da FLN, manifestaram-se contra o recolher obrigatório que lhes tinha sido imposto pelo diretor da polícia de Paris, Maurice Papon. Habitualmente confinados aos bairros de lata dos subúrbios, mais de 20 mil homens, mulheres e crianças desfilaram, então, pacificamente pelas ruas do Quartier Latin, pelas grandes avenidas e próximo dos Campos Elísios.

A violência da polícia foi inaudita: os agentes esperaram-nos nas saídas do metro e nas ruas para os espancaram e insultarem. *“Aos mais fracos, aos que já estavam cheios de sangue, batiam-lhe até à morte, eu vi”*, contou Saad Ouazen em 1997. Apesar de não terem oposto a mínima resistência, dezenas de manifestantes foram mortos a tiro, outros foram afogados no Sena. Ao todo, mais de onze mil argelinos foram presos e levados para o Palácio dos desportos e para o estádio Pierre-de-Coubertin. Mantidos durante

vários dias em condições de higiene assustadoras, foram violentamente espancados pela polícia, que lhes chamava “*porcos árabes*” e “*ratos*”. No Palácio dos desportos, os detidos, aterrorizados, nem sequer ousavam ir à casa de banho, porque a maioria dos que ali iam era morta.”

(Ariane Chemin – Le Monde, VoxEurop- [A história de um massacre esquecido em Paris](#))

Nesta Guerra da Argélia, aliás, forjaram-se as técnicas de tortura que seriam disseminadas pela CIA, mais tarde, no mundo inteiro, vitimando não poucos latino-americanos na Operação Condor das ditaduras do Cone Sul dos anos 70. Lá notabilizou-se o famigerado general Paul Aussarresses, falecido recentemente, aos 95 anos, como braço direito do general Jacques Massu - <http://www.cartacapital.com.br/revista/780/mestre-em-tortura-8238.html>. Criminosos históricos. Torturadores. O memorável filme de Gillo Pontecorvo, “A Batalha de Argel”, imortalizaria este momento dramático do processo de descolonização,

[Argélia – Completo – Português – YouTube](#)

▶ 1:48:52

<https://www.youtube.com/watch?v=PodBIU4Xs1E>

A **Guerra de Independência Argelina**, também conhecida como **Revolução Argelina** ou **Guerra da Argélia** (em [árabe](#): الثورة الجزائرية Ath-Thawra Al-Jazā'iriyya; em [francês](#): Guerre d'Algérie) foi um [movimento de libertação nacional](#) da [Argélia](#) do domínio [francês](#), que tomou curso entre [1954](#) e [1962](#).

Caracterizou-se por ataques de [guerrilha](#) e atos de violência contra civis – perpetrados tanto pelo exército e colonos [franceses](#) (os “*pied-noirs*”) quanto pela [Frente de Libertação Nacional](#) (*Front de Libération Nationale* – FLN) e outros grupos argelinos pró-independência.

O governo francês do tempo considerava criminoso ou [terrorista](#) todo ato de violência cometido por argelinos contra franceses, inclusive militares. No entanto, alguns franceses, como o antigo guerrilheiro anti-nazi e advogado [Jacques Vergès](#), compararam a [Resistência francesa](#) à ocupação [nazi](#) com a resistência argelina à ocupação francesa.

Uma campanha de atentados anti-árabes ([1950-1953](#)) havia sido praticada por colonos direitistas, desencadeando, em contrapartida, a luta lançada pela FLN em [1954](#), apenas dois anos antes de a [França](#) ser obrigada a desistir do seu controle sobre a [Tunísia](#) e [Marrocos](#).

Em outros povos descolonizados, por força do princípio de auto-determinação das Nações Unidas, não foi menos cruel a ação repressora da Potência Colonizadora Francesa e sua estrita política de controle sobre o que considera sua área de influência, tanto na Ásia, Indochina, hoje Vietname, como na África. A narração completa ainda está por ser feita e chocará os pósteros que a lerem. Diante do inevitável, que era a perda dos territórios, sobrevinha o Imposto Colonial, reparatório, e o estrito controle políticos dos novos governos, sob severas penas de golpes e contragolpes apoiados pelo Quai D´Orsay:

De facto, durante esse período turbulento da luta Africano para libertar-se da colonização europeia, a França iria usar repetidamente muitos ex legionários estrangeiros para realizar golpes contra presidentes eleitos:

- - Em 01 de janeiro de 1966, Jean-Bédel Bokassa , um legionário estrangeiro ex francês, realizou um golpe de Estado contra David Dacko , o primeiro presidente da República Centro-Africano.
- - Em 3 de Janeiro, 1966, Maurice Yaméogo , o primeiro Presidente da República do Alto Volta, agora chamada de Burkina Faso, foi vítima de um golpe de Estado perpetrado por Aboubacar Sangoulé Lamizana , um legionário ex francês que lutou com as tropas francesas na Indonésia e Argélia contra estes países independência.
- - Em 26 de outubro de 1972, Mathieu Kérékou que era um guarda de segurança do presidente Hubert Maga , o primeiro Presidente da República de Benin, levava um golpe de Estado contra o presidente, depois de ter frequentado escolas militares francesas 1968-1970.

De fato, durante os últimos 50 anos, um total de 67 golpes de Estado aconteceu em 26 países da África, 16 desses países são ex-colônias francesas, o que significa que 61% dos golpes aconteceu na África francófona.

Número de golpes de Estado na África por países

Ex-colônias francesas		Outros países africanos	
País	Número de golpe	País	número de golpe
Togo	1	Egypte	1
Tunísia	1	Libye	1
Cote d'Ivoire	1	Guiné Equatorial	1
Madagáscar	1	Guiné-Bissau	2

Ruanda	1	Libéria	2
Argélia	2	Nigéria	3
Congo – RDC	2	Etiópia	3
Mali	2	Ouganda	4
Guiné Conakry	2	Sudão	5
SUB- TOTAL 1	13		



CRIANÇA DO CONGO EM EXPOSIÇÃO NO ZOO DE BRUXELAS EM 1957...MARAVILHAS DA CIVILIZADA EUROPA. A FATURA ESTÁ SENDO APRESENTADA...

Congo	3
Tchad	3
Burundi	4
África Central	4
Níger	4
Mauritânia	4
Burkina Faso	5
Comores	5

SUB –			
TOTAL 2	32		
TOTAL (1 +			
2)	45	TOTAL	22

(Mawuna Remarque KOUTONIN -14 países africanos forçados pela França a pagar Imposto Colonial)

Não quero, com isso, justificar o terrorismo contemporâneo sobre a Europa ,França em particular, que, a propósito, não é “islâmico”, mas “jihadista”. Apenas chamar a atenção para o fato de que os crimes históricos são sempre, senão justificados, explicados pelas suas próprias razões, sejam eles perpetrados por vencedores ou vencidos, por civilizados ou bárbaros, por Estados organizados ou Movimentos, por Exércitos ou Lobos Solitários. Isto significa que não há luta no processo histórico luta dos bons contra os maus. Quem seria o bom e o mau em Little Big Horn, batalha decisiva da Cavalaria Americana contra os índios: O General Custer ou o cacique Touro Sentado?

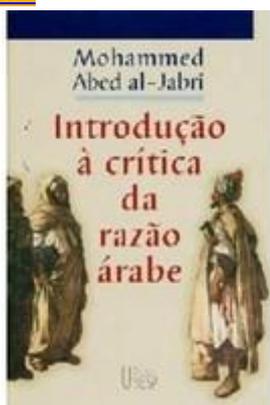
"A crescente violência entre os povos muçulmanos, muitas vezes banhada pelo desespero e a loucura social, somente pode ser explicada pela ação permanente de rapina das potências ocidentais.

A origem da dor dos franceses não está no islamismo, mas nos Estados dominados pela vertente imperialista da cultura cristã, onde nasceu o colonialismo como sistema afrontoso à autodeterminação dos povos."

Tiago Rodrigues FB - POA

Os terroristas jihadistas que atacaram o avião russo e Paris, na noite de 13 de novembro, estão errados quanto aos métodos de luta que recorrem. Mas não são criminosos em série movidos pela insanidade ou interesse próprio. São, na sua maior parte, mulheres e homens jovens contaminados por um discurso de ódio extremo, animado, pela religião e costumes tradicionais, dispostos a matar e morrer pelo que acreditam, tal como os nazistas na II Guerra Mundial. Já não estão passíveis de um diálogo, tal a solidificação de ideias a que chegaram. Talvez tenham que ser arrasados militarmente para que as novas gerações muçulmanas se abram para o que um autor, Abed Al Jabri, Mohamed, chama a “ Introdução à Crítica da Razão Árabe” – Ed. Umesp: um desafio muito mais afeto à própria cultura deles do que ao Ocidente. A despeito do ceticismo de outros autores quanto à tal possibilidade como Ayaab His Ali - <http://diplomatizzando.blogspot.com.br/2015/11/pode-o-islam-ser-reformado-livro-de.html#sthash.h4Y40RhE.0ztk5pC.dpuf>

<http://diplomattizando.blogspot.com.br/2015/11/pode-o-islam-ser-reformado-livro-de.html>



Junto , portanto, da inevitável e implacável_perseguição que o Ocidente, agora aparentemente irmanado com o Irã, Rússia e Turquia, todos ameaçados pela “irracionalidade” do ISIS, há que se perguntar como apareceu este e outros movimentos semelhantes, quais as suas razões, quem os financia? Como combate-lo?

“Como combater a ideologia do ISIS?

O ISIS segue a ideologia wahabbita, que é uma vertente ultra extremista do islamismo sunita. É a mesma do Taleban, da Al Qaeda, do Boko Haram e do Al Shabab. No passado, esta ideologia era praticamente restrita à Arábia Saudita. Mas o regime saudita e seus braços no serviço de inteligência passaram a disseminar o wahabbismo ao redor do mundo por meio de mesquitas e madrassas. A partir deste momento, uma parcela crescente do islamismo sunita começou a se radicalizar. Outras vertentes mais moderadas do islamismo sunita, bem mais laicas, como as existentes na Síria e na Turquia, por exemplo, perderam força. Lembro que o primeiro atentado suicida cometido por um sunita ocorreu no começo dos anos 1990 (e as maiores vítimas do terrorismo são os próprios muçulmanos). Mas, neste caso, quem dissemina esta ideologia é visto muitas vezes como um aliado ocidental. Sem combater a ideologia do ISIS, surgirá outro grupo radical no lugar, assim como o próprio ISIS substituiu a Al Qaeda.”

“Como combater o ISIS?” – Jorn. Guga Chacre - FB

Tudo indica que a razão histórica para o desencontro de civilizações vem de longa data. Séculos. Milênios. Mas até Alexandre , o Grande, a colonização vinha acompanhada de princípios públicos que consistiam em políticas de helenização dos povos ditos bárbaros, dentre elas a mistura de gentes. Ele próprio, Alexandre, casou-se, na estratégica ocupação da Pérsia com a filha de um grande chefe tribal. Com os romanos, os métodos

tornaram-se mais violentos, bastando, para tanto, ver os conflitos com o povo hebreu que levaram à diáspora, logo depois da morte de Cristo. No mundo moderno, a violência, em lugar de diminuir avançou, retornando aos tempos da colonização e escravização de povos inteiros, que perdurou por quase meio milênio. Sobreveio, no século XX um novo modelo de articulação de interesses dos centros de poder à periferia do mundo, com maior sofisticação institucional e ideológica, mas ainda assim, de dominação e controle, a que se atribui o nome de globalização. Curiosamente, todo este milenar processo de organização e reorganização do poder mundial deslocou o caráter cultural do choque para o campo dos interesses econômicos e geopolíticos. O conflito contemporâneo se parece com o descrito no memorável “Choque das Civilizações”, de Huntington, mas não é nada disso. Isso é apenas a aparência dos interesses subjacentes e sua desajeitada, senão criminosa forma de impor-se. Desenham-se arbitrariamente Estados sem respeito às nações e culturas internas, põem-se e depõem-se governantes sobre eles de acordo aos apetites dominantes das grandes potências, invadem-se países soberanos, como fez os Estados Unidos dezenas de vezes no mundo sem qualquer respeito sequer às regras internacionais, atropelam-se processos em nome da civilização: “QUEMADA”... Depois vêm as consequências na forma de desespero, loucura, tragédias incontáveis.

A última loucura militar americana foi a ocupação, à base de mentiras sobre o arsenal de armas de destruição em massa de seu líder Sadam Hussein, do Iraque. Este país nunca teve uma identidade nacional clara e, com a destruição de seu comando político no Partido Baath, acabou se esfacelando em mil seitas e grupos.

“Um dos efeitos da invasão foi imediatamente instituir divisões sectárias. Parte do fulgor da força de invasão e do seu diretor civil, Paul Bremer, foi separar as seitas, sunitas, xiitas, curdos e provocar os conflitos entre elas. Num par de anos, havia um enorme, brutal conflito sectário incitado pela invasão.”

(N.Chomsky – Entrevista : **A invasão do Iraque está na origem de grupos como o Estado Islâmico - <http://www.esquerda.net/artigo/chomsky-invasao-do-iraque-esta-na-origem-de-grupos-como-o-estado-islamico/36183>)**

Além disso, estes grupos radicalizados, que ora aterrorizam a Europa, como o é também a AL QAEDA, foram todos estimulados e armados por alguém com algum interesse nas suas ações. Os americanos usaram Bin Laden para expulsão os soviéticos do Afeganistão. Tudo indica que o ISIS, agora, foi fomentado pela Turquia para afastar o que considera perigo curdo à sua integridade política e territorial, como também pela Arábia Saudita, centro de irradiação da versão conservadora wahhabita do Corão.

“O wahhabismo sunita é financiado pelos países produtores de petróleo que combatem a esquerda na região e são aliados das potências ocidentais. As potências ocidentais promovem a suposta "guerra ao Terror " mas não punem quem financia as redes supostamente combatidas pelas potências. Vítimas da desinformação as populações europeias podem embarcar na onda da extrema direita e a islamofobia. Aqui no Brasil a mídia desinforma operando como reprodutora da tese furada do choque de civilizações. Já a ex-esquerda faz coro com a Rússia e defende a teocracia xiita iraniana e o carcomido governo Assad. Fora do Confederalismo Democrático não há realmente nenhuma saída para a região”

[Bruno Lima Rocha](#) - 14 de novembro às 12:41 - FB

Se havia alguma dúvida sobre estes vultosos fluxos de realimentação financeira do ISIS, na recente reunião do G-20, o Presidente Putin, mostrou fotos de satélite mostrando o curso de quilômetros com caminhões transportando petróleo contrabandeado pelas áreas sob controle deste grupo:

Putin mostrou no G 20, aos presidentes dos 20 países, fotos obtidas pelos satélites russos mostrando o petróleo roubado pelo Estado Islâmico está indo em caminhões tanque para portos que o levam à Arábia Saudita e outros países ocidentais para ser vendidos por menos de US\$ 20. Afinal é mercadoria roubada, sem nota fiscal...

Putin mostra no G 20, fotos de fila com mais de 19 km de caminhões levando petróleo roubado

<https://actualidad.rt.com/actualidad/191654-rusia-fotos-espaciales-petroleo-ei>

Leia mais: <http://zip.net/bnsnXS>

Não podemos empreender o processo civilizatório, enfim, sem a ideia de aprofundamento do grupo tribal, que se identifica e quer bem ao mero olhar: a verdadeira fraternidade, fundada muito mais no afeto do que na tolerância, suportada pela razão. Até foi possível a empresa dita civilizatória pelas armas enquanto estas armas estavam sob o controle dos grupos e potências de maior poder. A tecnologia dissolveu este monopólio da força e da violência. Está com “ninguém”, em lugar nenhum... Hoje um lobo solitário descontente derruba um avião comercial. No futuro muito próximo ele provocará estragos de milhões de vidas e dólares. Uma valise de explosivos de dispersão de material radioativo numa metrópole é capaz de estragos inimagináveis. Então, não há mais espaço no mundo “globalizado”, com tecnologias de destruição cada vez mais potentes, acompanhadas de sistema de comunicação cada vez mais interconectados, para a afirmação prepotente de quem quer que seja. Ou respeitamos o Outro, ou não teremos Paz nenhuma. Viver será cada vez mais perigoso em qualquer lugar do mundo. E não se trata de sermão religioso, mas de

imperativo político. As relações de Poder, seja a nível interno, seja globalmente, terão que mudar. Ou pereceremos. Os terroristas estão, apenas, dando o aviso de que “há algo de podre” no nosso modelo civilizatório. Atenção, pois! Pode não haver lágrimas no futuro para chorarmos, nem sinos que dobrem à nossa morte...Como diz o Senador Cristovam Buarque – PDT/DF :

“Se não entendermos onde erramos, vamos morrer errando.”
